

# Quem somos nós? E que documentário é esse?

**Gabriel Sales**

Pessoas com poses intelectuais em ambientes como lareiras, bibliotecas e prédios virtuosos, metáforas infelizes, efeitos que ofendem a inteligência de qualquer um. O documentário – se é que pode ser chamado assim – “Quem somos nós” é trágico. Desde o constrangedor “O Segredo”, pequenos mistérios científicos são tapados pelos incautos autores de auto-ajuda. E o que causa mais assombro é saber o quanto essas coisas repercutem, conseguindo todo o tipo de “seguidores”.

O documentário usa a metáfora do iceberg para ilustrar o nosso universo, e apóia-se na física quântica para explicar coisas que remetem ao impudente “pensamento positivo” tão defendido por adeptos do “Segredo”, new ages, hippies e pessoas em ruínas que precisam desesperadamente de uma solução – que são vendidas em qualquer livraria, claro.

Estranhamente o vídeo não mostra a teoria física propriamente dita, e muito menos as fontes de onde foram tirados tamanhos equívocos. E, ainda no decorrer dessas “teorias científicas”, somos bombardeados pela história de uma mulher com problema de dicção e células cantantes e dançantes. Como já dito, ofende a inteligência de qualquer um.

Essa relação tão construída ultimamente entre Ciência e auto-ajuda é escurecedora. Quando uma teoria científica encontra alguns mistérios, logo é hora de moscas varejeiras se apoderarem deles, recheando-os de verdadeiras histórias mirabolantes. E nessa miscelânea de fantasia e “pensamento positivo”, um grilhão é instaurado: a ignorância.

É certo dizer que a Física Quântica não é simples, e busca questões quase filosóficas. Porém

trata-se de uma Ciência que usa seus determinados métodos para colocar em pauta tais questões. Temos o Modelo Padrão que pode ser concretizado com a física quântica nos trazendo o campo de Higgs e a Teoria das Cordas. Mas isso não fará de você um vencedor se pensar positivo. Na verdade, nada fará de você um vencedor se pensar positivo.

Logicamente, o pensamento modifica alguma coisa, mas para tal ele precisa estar relacionado à Ação. E nem todo pensamento que temos são úteis - embora aquele que faz o zíper ficar apertado pode ter proveitos num futuro próximo.

Em suma, policiar o próprio pensamento não é a proposta da física quântica, e essa ciência é ancorada em seu método – coisa não usada no documentário. Quanto ao “pensar positivo” como uma sentinela, não há evidências que isso pode concretizar o que é prometido pela auto-ajuda ou o documentário – aliás, qualquer pensamento tem o seu valor. E não interessa se a pessoa esteja gastando a energia de seus neurônios para refletir sobre a desgraça ou felicidade alheia, ela estará fazendo o que todos nós podemos fazer sem culpa: pensar, independente do que seja.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/quem-somos-nos-e-que-documentario-e-esse>